



CULTUREMAS DA GASTRONOMIA CEARENSE: MARCAS DE IDENTIDADE LINGUÍSTICA E CULTURAL

CULTUREMS OF CEARENSE GASTRONOMY:
LANGUAGES OF LANGUAGE AND CULTURAL IDENTITY

Exedito Wellington Chaves Costa
Universidade de Évora (ms.wellington@gmail.com)

Maria João Marçalo
Universidade de Évora (marcalomaria@gmail.com)

Resumo: Atualmente a língua é uma instituição social diversificada entre grupos e varia ao longo do tempo, sofrendo mudanças ou conservando características de períodos históricos. Deseja-se demonstrar que os culturemas da gastronomia cearense contribuem para a formação da identidade linguística e cultural do povo do Ceará. Para fundamentação, recorre-se, entre outros, a Pamies Bertrán (2012), Biderman (1978), e Luque Nadal (2009). Aqui, a gastronomia é inserida no âmbito da cultura imaterial por representar a tradição histórica e cultural de um povo. Metodologicamente, catalogam-se culturemas da gastronomia cearense que se desdobram em expressões idiomáticas características do dialeto cearense. Resultados comprovam a influência dos culturemas na identidade linguística do cearense.

Palavras-chave: Culturemas; Gastronomia; Identidade; Dialeto.

Abstract: *Today language is a social institution diversified between groups and varies over time, undergoing changes or retaining characteristics of historical periods. It is desired to demonstrate that the Ceará gastronomic culturemas contribute to the formation of the linguistic and cultural identity of the people of Ceará. For reasons of support, we refer to, among others, Pamies Bertrán (2012), Biderman (1978), and Luque Nadal (2009). Here, gastronomy is inserted in the scope of intangible culture because it represents the historical and cultural tradition of a people. Methodologically, we catalog the cultures of the Cearense gastronomy that unfold in idiomatic expressions characteristic of the Ceará dialect. Results prove the influence of culturemas on the linguistic identity of Ceará.*

Keywords: *Culturemas; Gastronomy; Identity; Dialect.*

INTRODUÇÃO

Estudos contemporâneos sobre a linguagem (Bakhtin, 2011; Fairclough, 2001, 2008; Marcuschi, 2002; Pretti, 1974; Bazerman, 2005; Hanks, 2008) defendem que a língua é uma instituição social que manifesta a diversidade dos grupos que a utilizam e que, em sua heterogeneidade, está sujeita a variações ao longo do tempo, sofrendo mudanças ou conservando características de períodos históricos.

Como um sistema de comunicação diversificado, variável e interrelacional, a língua apresenta três tipos principais de diferenças internas, segundo Pretti (1974): (1) diatópicas, oriundas da oposição entre falares urbanos e falares rurais; (2) diastráticas, decorrentes de diferenças entre estratos sociais; e (3) diafásicas, ligadas ao contexto de comunicação em que os falantes interagem, como os níveis de fala formal e informal. Logo as mudanças fazem parte do processo natural de evolução da língua.

Com base nisso, considera-se que o léxico gastronômico do Ceará, apresentado aqui como culturemas, representa uma parcela significativa da cultura do povo desse Estado e contribui para o desenvolvimento da língua portuguesa e a formação da identidade cultural e linguística do povo cearense.

Para Coseriu (1990), a relação entre língua e cultura é notória, e, para confirmar seu pensamento, ele destaca que (i) “a própria linguagem é uma forma primária de cultura, da objetivação da criatividade humana”; (ii) “a linguagem reflete a cultura não linguística, quer dizer que manifesta os saberes, as ideias e as crenças acerca da realidade conhecida”; e que (iii) “se fala também em competência extralinguística, com o conhecimento do mundo e este influi sobre a expressão linguística e a determina em alguma medida” (COSERIU, 1990, p. 40).

Também Hobsbawn (1998) contribui com esse debate ao afirmar que a língua representa o mundo em que vivemos (a cultura) e, num processo circular, o mundo em que vivemos é representado pela linguagem.

Neste trabalho, apresenta-se a gastronomia como patrimônio imaterial, pois ela corresponde a práticas, crenças e conhecimentos que, passados de geração em geração, formam a identidade de grupos e indivíduos que os compartilham e, portanto, reconhecem-se como integrantes deles.

1 CULTUREMAS: DESENVOLVIMENTO CONCEITUAL E REPRESENTAÇÃO DE CULTURA

Dissertar sobre cultura implica necessariamente referir-se também a representações sociais, afinal “a cultura representa os elementos comuns em torno dos quais as pessoas desenvolvem normas, estilos de vida familiares, papéis sociais e comportamentos que respondem às realidades históricas, econômicas, políticas e sociais”¹ (LUQUE NADAL, 2010, p. 12).

O conceito de representação ocupa importante lugar nos estudos sobre cultura, pois é ele quem a conecta à língua. Representação significa usar a língua para dizer ou representar significativamente a um indivíduo algo sobre o mundo, isto é, a representação se constitui como parte essencial do processo pelo qual o sentido é produzido e trocado entre membros de uma cultura. Logo, nesse contexto representar é o mesmo que simbolizar ou ser uma amostra de algo. E esse processo ocorre por meio do uso dos signos linguísticos, que já nomeiam os constituintes do mundo.

Em seu sentido simbólico, a cultura se apresenta também como um elemento que unifica a sociedade, uma espécie de segundo código genético que os indivíduos recebem ao nascer e desenvolvem durante a vida, nos processos interacionais com outros sujeitos. Como a cultura se baseia em sistemas regulados (e diferenciados de outras), percepções e crenças a respeito do mundo, os membros de uma sociedade ou de um grupo social partilham, em termos simbólicos, determinadas concepções.

¹ “la cultura representa los elementos comunes alrededor de los cuales la gente desarrolla normas, estilos de vida familiar, roles sociales y conductas que responden a realidades históricas, económicas, políticas y sociales”.

Quando se atribui, por exemplo, à palavra ‘caldo’ o sentido de ‘fraqueza’ (denominado por muitos cearenses de ‘caldo de bila’), apresenta-se este conceito de forma culturalmente marcada, pois, ao mesmo tempo em que a expressão é desconhecida em diversas culturas, seu significado é relevante, simbólico e compartilhado por integrantes de um grupo social, notadamente pessoas de classes populares das periferias do Ceará, em especial o público masculino e jovem. Essas características do léxico cultural permitem já afirmar que a palavra ‘caldo’ constitui um culturema [da gastronomia cearense].

A cultura é um conjunto de crenças, formas de vida que definem e identificam um grupo e suas identidades construídas a partir do que é herdado dos antepassados. Pela cultura, é possível avaliar se determinada forma de conduta [e a esta investigação interessa especialmente a linguística] apresentada por membros de uma comunidade está de acordo com as expectativas gerais de comportamento que se espera dela (Nord, 2009). Nessas acepções de cultura [como “características culturais”] de um determinado grupo social, encontram-se os culturemas.

Para referir-se a elementos característicos de uma cultura, tem-se recorrido a denominações como palavras culturais, marcas culturais, culturemas, etc. Nida é quem inicia, em 1975, com a publicação do artigo “*Linguistic and Ethnology in Translation Problems*”, o estudo dos elementos culturais, ainda dedicado apenas às questões de tradução. É também desse autor a proposição de cinco domínios através dos quais podem ser estudados aquilo que ele denomina de âmbitos culturais, a saber:

- i. ecologia: refere-se às diferenças ecológicas da fauna, da flora, dos fenômenos atmosféricos, etc. entre os diferentes espaços do globo terrestre;
- ii. cultura material: engloba práticas como, por exemplo, fechar as portas de uma cidade, ação difícil de conceber para culturas que não dispõem de ambiente murado;
- iii. cultura social: diz respeito às diferenças de costumes em culturas e línguas diversas;
- iv. cultura religiosa: trata das dificuldades de, por exemplo, traduzir termos de uma cultura cristã para uma cultura não cristã, pois o que é sagrado em uma pode não sê-lo em outra;
- v. cultura linguística: incluem-se aqui problemas de tradução decorrentes de características particulares das línguas, em campos como a fonologia, a morfologia e a sintaxe.

Newmark (1995) adapta a classificação de elementos culturais proposta por Nida e acrescenta uma nova categoria, os gestos e hábitos, como se demonstra abaixo:

i. ecologia: fauna, flora; ii. cultura material: comida, bebida, roupa, moradia; iii. cultura social: trabalho, lazer; iv. organizações: costumes, atividades, procedimentos; v. conceitos: política, religião, artes; e vi. gestos e hábitos: elementos paraverbais.

Na reformulação de Newmark, destaca-se o foco cultural que ele dá à sua proposta, associado ao léxico de uma língua, capaz de explicitar categorias como as que estão nomeadas, especialmente, em ii, iii, iv e v. O referido autor confirma tal diversidade funcional do léxico ao diferenciar a linguagem universal da cultural e da popular:

Para mim, a cultura é a maneira de vida própria de uma comunidade que utiliza uma língua particular como meio de expressão e as manifestações que esse modelo de vida implica. Mais concretamente: eu diferencio a linguagem “cultural” da “popular” e “universal”. Morrer, viver, nadar, estrela [...] são universais [...]. Caldo, pirão, tripa, etc. são palavras culturais [...]. (NEWMARK, 1995, p. 133 [palavras culturais do pesquisador])

Molina Martinez (2001) revisa os autores já citados aqui, elabora um conceito amplo de âmbitos culturais e os organiza em quatro categorias, como se vê à frente, no quadro proposto por ela:

Âmbitos culturais	
1. Meio natural	Flora, fauna, fenômenos atmosféricos, climas, ventos, paisagens (naturais e criadas) e topônimos.
2. Patrimônio cultural	Personagens (fictícios ou reais), fatos históricos, conhecimento religioso, festividades, crenças populares, folclore, obras e monumentos emblemáticos, lugares conhecidos, nomes próprios, utensílios, objetos, instrumentos musicais, técnicas empregadas na exploração da terra e da pesca, questões relacionadas ao urbanismo, estratégias militares, meios de transportes, etc.
3. Cultura social	Convenções e hábitos sociais: o tratamento e a cortesia, a maneira de comer, de vestir e de falar, costumes, valores morais, saudações e gestos, a distância física que os interlocutores mantêm, etc. Organização social: sistemas políticos, legais, educativos, organizações, ofícios e profissões, moedas, calendários, eras, medidas, etc.

4. Cultura linguística	Transliterações, refrãos, frases feitas, metáforas generalizadas, associações simbólicas, interjeições, blasfêmias, insultos, etc.
------------------------	--

Os termos culturais, como se observa pelo exposto, têm sido classificados por diferentes teóricos, o que permitiu distintas denominações para categorias culturais: cultura material, religiosa, social e linguística, patrimônio cultural, hábitos e conceitos. Essas categorias, em particular nos âmbitos da cultura linguística e da cultura social, constituem a referência para localizar e selecionar os culturemas referentes à gastronomia cearense – objeto de estudos desta pesquisa.

A procedência dos culturemas e os lugares em que eles podem ser encontrados, segundo Crida Álvarez (2012), são bastante variados: da Bíblia, especificamente do livro do Gênesis, vêm as expressões “vacas gordas” (para simbolizar tempo de abundância) e “vacas magras” (para representar tempo de escassez); da História Universal, herdou-se a expressão “ovo de Colombo” (que significa tornar fácil, por uma estratégia, uma tarefa que parecia muito difícil).

Sobre essa questão, Luque Nadal (2009, p. 97) assim se pronuncia: “as culturas vêm de símbolos que os falantes de uma língua passam a conhecer através da aprendizagem de sua própria cultura”². A autora dá relevo também às diferentes fontes das quais emergem os culturemas: manuais escolares de história, literatura, religião; contos, canções, enigmas, refrãos, ditos populares; meios de comunicação, como rádio, televisão, cinema, etc. Ela inclui, ainda, outras origens: personagens políticos e de ficção, atores, escritores, tipos de vestimenta, modas e fatos sociais e artísticos.

Para definir culturemas, Luque Nadal (2009 p. 95) informa, inicialmente, que a origem da noção deles ainda não está clara e recorre à exposição de Mayoral Assencio (1999, p. 67-72): Nord cita a seguinte definição de culturema, atribuída a Vermeer (1983, p. 8): “Culturema é um fenômeno social de uma cultura A considerado relevante por membros dessa cultura; quando é comparado com um fenômeno social correspondente em uma cultura B, vê-se que ele é específico da cultura A”. Pamies Bertran (2008) discorda desse conceito por considerar que ele não é uma condição fundamental para que as pessoas tenham consciência de sua existência ou de sua importância; tampouco

² “los culturemas proceden de símbolos que los hablantes de una lengua llegan a conocer a través del aprendizaje de su propia cultura”.

é especificidade, pois pode haver culturemas compartilhados por várias culturas.

Outra definição de culturemas é apresentada por Pamies Bertran (2007 e 2008). Para ele, os culturemas são símbolos extralinguísticos culturalmente motivados que servem de modelo para que as línguas gerem expressões figuradas, inicialmente como alusões ou reaproveitamento de referido simbolismo, e que podem se generalizar e até se automatizar. Uma vez dentro da língua como palavras ou componentes de frasemas, conservam, ainda assim, algo de sua autonomia inicial, na medida em que unem conjuntos de metáforas e até permitem a adição de outras a partir do mesmo valor, acessíveis para a competência metafórica.

E o autor continua:

Os culturemas são extralinguísticos na medida em que são verbalizadas como consequência de um simbolismo anterior, nunca como sua causa. Também pode acontecer que esta verbalização sobreviva a um culturema, que já foi extinto como tal. Culturemas também podem ser entidades totalmente imaginárias, para que algo tão real e tangível como uma flor possa levar o nome de personagens inexistentes como Narciso ou Don Juan³ (PAMIES BERTRAN, 2008, p. 45).

Ainda sobre acepções de culturemas, Luque Nadal (2009) apresenta a sua, em síntese:

poderíamos definir o culturema como qualquer elemento simbólico cultural específico, simples ou complexo, que corresponde a um objeto, ideia, atividade ou fato, suficientemente conhecido entre os membros de uma sociedade, que tenha valor simbólico e sirva como guia, referência ou modelo de interpretação ou ação para os membros da referida sociedade⁴ (LUQUE NADAL, 2009, p. 97).

³ “Los culturemas son extralinguísticos en la medida en que son verbalizados como consecuencia de un simbolismo previo, nunca como su causa. Puede ocurrir, igualmente, que esta verbalización sobreviva a un culturema, que ya se ha extinguido como tal. Los culturemas también pueden ser entidades totalmente imaginarias, de modo que algo tan real y tangible como una flor puede llevar el nombre de personajes inexistentes como Narciso o Don Juan”.

⁴ “podríamos definir culturema como cualquier elemento simbólico específico cultural, simple o complejo, que corresponda a un objeto, idea, actividad o hecho, que sea suficientemente conocido entre los miembros de una sociedad, que tenga valor simbólico y sirva de guía, referencia, o modelo de interpretación o acción para los miembros de dicha sociedad”.

O desenvolvimento conceitual exposto até aqui e o estudo de Molina Martínez (2006) permitem configurar os seguintes itens como características gerais dos culturemas:

- i. criam-se por motivos diversos;
- ii. modificam-se ou desaparecem continuamente;
- iii. existem somente em contextos (resultam de uma transferência cultural e são percebidos quando se comparam duas culturas);
- iv. não se restringem a um único grupo social, pois podem ser compartilhados entre distintos grupos ou culturas.
- v. estão presentes na comunicação oral e escrita dos falantes.

1.1 Culturemas universais e culturemas específicos

O encontro da cultura com a língua promove a interculturalidade e revela fenômenos linguísticos particulares e universais. Entre eles, interessam a este estudo os culturemas universais e, particularmente, os culturemas específicos.

Denominam-se culturemas universais aqueles que pertencem a mais de uma língua e, portanto, produzem metáforas em diferentes culturas. Eles se localizam no que Luque Nadal (2009) chama de “zonas culturais”, que compartilham tradições históricas, religiosas, etc. Expressões como ‘serpente’ e ‘Judas’ são exemplos de culturemas universais. A primeira representa o sentido de astúcia, má índole ou falsidade, decorrente do episódio bíblico em que ela enganou Adão e Eva. Já a segunda, também de origem religiosa, simboliza a traição, em referência à atitude do apóstolo Judas, que entrega Cristo aos soldados romanos, conforme descrição em textos bíblicos.

Cada país, cultura ou até grupo social possui seus mitos e exemplos de beleza, paixão, sabedoria, bravura, estupidez, crueldade, força, covardia, etc. Na variante brasileira da língua portuguesa, há inúmeros culturemas específicos, visto conotarem aspectos idiossincráticos da cultura local. Entre eles, são bastante comuns, a título de ilustração, os seguintes: i. vaca: designa mulheres cuja reputação é a de possuírem quantidade excessiva de amantes; ii. touro: descreve homens em sentido positivo, representando virilidade, e em sentido negativo, em referência àqueles que foram vítimas de infidelidade por parte da companheira; iii. porco: representa pessoas com reprováveis hábitos de higiene; iv; anta: identifica pessoas com limitadas capacidades intelectuais; v.

macaco: de conotação racista, relaciona pessoas cuja pele é de cor escura (Riva, 2012).

Ainda no campo dos culturemas específicos, há aqueles que representam a cultura de um grupo social e/ou região, como os da gastronomia cearense, com seus contributos à língua portuguesa, na forma de expressões idiomáticas.

1.2 Critérios para delimitação dos culturemas

Delimitar a noção de culturema permite, em sentido amplo, saber como operam determinados mecanismos da língua e da cultura; especificamente, define, com estratégia explicativa e descritiva, os fenômenos linguísticos que melhor correspondem às exigências da concepção de culturema.

Os critérios descritos a seguir foram propostos por Luque Nadal (2009), com as finalidades de apresentar as características necessárias ao fato linguístico para que este seja chamado de culturema e de constatar com clareza aquilo que realmente está funcionando na língua como tal.

i. Vitalidade e motivação

A vitalidade é a capacidade que uma língua tem de, sem precisar do apoio de outras línguas, encontrar em si os recursos para exprimir novas ideias e novos conceitos. Segundo Luque Nadal (2009, p. 105), esse primeiro requisito é imprescindível para se determinar se um fato linguístico é ou não um culturema e atesta: “a ideia nuclear que subjaz a diferentes ditos ou expressões relacionadas com o culturema tem que ser 'viva' para os falantes”⁵. Logo, quanto mais intensa for a motivação entre os falantes para usarem determinada manifestação da língua com valor cultural, maior será a vitalidade do culturema.

ii. Produtividade

Considera-se produtivo um culturema em torno do qual existe um número considerável de expressões idiomáticas e de unidades fraseológicas. A proponente desses critérios destaca dois tipos de produtividade de um culturema: “a produtividade fraseológica que tem a ver com o número de frases

⁵ “la idea nuclear que subyace a diferentes dichos o expresiones relacionadas con el culturema tiene que estar ‘viva’ para los hablantes”.

na língua” (...) e “a produtividade geral que é baseada nas ocorrências de uma sentença em diferentes áreas como piadas, títulos de filmes, livros, músicas, anúncios, etc.” (LUQUE NADAL, 2009, p. 105). Com tal diversidade, o culturema tem, para os falantes, identidade ainda mais consolidada.

iii. Frequência de aparecimento

Semelhante ao segundo tipo de produtividade apresentado acima, este critério diz respeito à presença de um dado culturema em diferentes gêneros discursivos. Prudente é enfatizar que muitos culturemas estão ligados a fraseologismos, contudo esta não é razão *sine qua non* para a sua existência (LUQUE NADAL, 2009). A título de exemplo, tem-se no Brasil o culturema ‘touro’, que representa ‘força’, em ‘forte como um touro’. Por sua vez, na expressão ‘peruca/cabeça de touro’, o sentido se altera para ‘pessoa que foi vítima de infidelidade conjugal’, porque o sentido da expressão se forma a partir do bloco de palavras e não da soma destas.

iv. Complexidade estrutural e simbólica

Como os culturemas remetem simbolicamente a uma história ou situação específica e conhecida pelos membros de um grupo social, eles são utilizados também para dar aos enunciados maior expressividade e força argumentativa. Trata-se de uma relação de causa e efeito, para a compreensão de crenças e hábitos de uma comunidade “que servem como um programa de ação ou um guia para interpretar fatos e comportamentos” (LUQUE NADAL, 2009, p. 107).

1.3 Funções dos culturemas

As funções dos culturemas são variadas, por isso fortalecem a argumentação e ilustram os enunciados com fatos linguísticos, culturais e sociais de determinada realidade. Uma ou outra dessas funções, detalhadas a seguir, podem aparecer isoladas, embora o natural seja elas se apresentarem simultaneamente em um texto.

⁶ “la productividad fraseológica que tiene que ver con el número de frasemas existentes en la lengua (...)” “la productividad general que se basa en las apariciones de un frasema em distintos âmbitos como chistes, títulos de películas, libros, canciones, anuncios, etc.”

⁷ “que sirven como un programa de acción o una guía de interpretación de hechos e conductas”.

i. Função estética

Verifica-se esta função em textos nos quais o emprego de culturemas revela o uso de diferentes recursos da linguagem, para dar força e beleza ao texto. Segundo Luque Nadal (2009, p. 109), “Entre a panóplia de recursos estéticos, há elementos expressivos da linguagem como fraseologias, paremias, comparações proverbiais, etc. Juntamente com estes devemos incluir as culturas, isto é, a vasta gama de símbolos e referências culturais de uma sociedade⁸”. Nesse sentido, os símbolos da vida social, política e artística são exemplos frequentes dessa função dos culturemas.

ii. Função argumentativa

A argumentação consiste em apresentar raciocínios, para obter determinados resultados. Presente em todo discurso, ela constitui uma ação pela linguagem, cujo objetivo é a persuasão. Geraldi (1981) defende que a argumentação é um modo de interação humana, no sentido de que quem argumenta pretende interferir sobre as representações ou convicções do outro, a fim de modificá-las ou de aumentar a adesão a tais convicções.

Sobre o tema, esse autor considera que três aspectos são fundamentais, a saber: a argumentação é uma atividade; a argumentação se dirige a sujeitos; e a argumentação objetiva alterar as motivações que o interlocutor imagina responsáveis por determinadas ações. Vê-se, logo, que o homem usa a língua para se comunicar com seus semelhantes e para atuar sobre eles nas interações: “...artigos de opinião nos jornais ou as intervenções de jornalistas convidados nas reuniões são exemplos típicos do discurso textual/argumentativo⁹” (LUQUE NADAL, 2009, p. 110).

iii. Função cognitiva

Há culturemas que se estabelecem na memória da coletividade como uma espécie de modo comportamental, cuja aprendizagem (aqui indicativa do valor cognitivo do culturema) impede que as pessoas cometam determinados erros ou se coloquem em situação de perigo. Este é o caso dos situacionais, que para

⁸ “Entre la panoplia de recursos estéticos, están elementos expresivos de la lengua como fraseologismos, paremias, comparaciones proverbiales, etc. Junto a estos hay que incluir los culturemas, es decir, la amplia gama de símbolos y referencias culturales de una sociedad”.

⁹ “...los artículos de opinión en los periódicos o las intervenciones de periodistas invitados en las tertulias son ejemplos típicos de texto/discurso argumentativo”.

Luque Nadal (2009, p. 110) “são usados para deixar a outra pessoa saber em que posição ou perigo eles estão¹⁰”.

1.4 Culturemas linguisticamente representados

Existem culturemas com sentido tão amplo que chegam a ser compartilhados por culturas transnacionais, como a religiosa nos países ocidentais. Essa capacidade dos culturemas explicaria a tese gerativista de Pinker (1994), segundo a qual os seres humanos não teriam culturas diferentes, mas variações locais e superficiais, ou seja, falariam a mesma linguagem, apenas com diferenças inter-regionais.

Cita-se como exemplo o culturema Caim, que simbolicamente representa ‘maldade’ e é assim compreendido e compartilhado por indivíduos de diversas culturas e línguas ocidentais. A abrangência conceitual dos culturemas é debatida por Marín Hernandez (2005), ao afirmar que eles não se definem hermeticamente, porque, em virtude de sua transição linguística e cultural e da série de valores que são considerados socialmente na comunicação, o aspecto ainda ampliado dessas definições pode apresentar novidades.

A autora chama atenção ainda para o fato de que “conceituar algo como culturema supõe, em última instância, ocultar o valor que pode ter por si mesmo e considerá-lo unicamente como um atributo representante de uma cultura” (MARÍN HERNANDEZ, 2005, p. 76). Nesse sentido, é imprescindível que os fatos sociais dos quais decorrem culturemas sejam considerados relevantes, pois têm origem em aspectos profundos da cultura de diferentes comunidades.

Como ilustração da capacidade que têm os culturemas, como significantes, para representar linguisticamente diversos significados, observa-se o seguinte quadro:

Culturema (Significante)	Representação linguística (Significados)
Caldo	1. Força (Caldo de mocotó) 2. Fraqueza (Caldo de bila) 3. Recuperação (Caldo da caridade) 4. Queda/Tombo (Tomar um caldo) 5. Potência (Dá um caldo)

¹⁰ “se utilizan para dar a conocer a otra persona en qué posición o peligro se encuentran”.

Embora se viva em um mundo globalizado, que frequentemente impõe adaptação às representações culturais de diferentes povos cada vez mais imersas na linguagem, significados como os do culturema 'caldo' estão inseridos em cultura local ou regional (itens 1, 2, 3 e 5) e em forma dialetal específica (item 5, expressão comum aos surfistas). Aqui se encontra uma das condições essenciais para uma palavra ser classificada como culturema: a complexidade simbólica e representacional.

Tendo por base a demonstração acima, é possível afirmar que, a cada expressão usada, descreve-se a realidade de modo distinto. Segundo Geraldini (2011, p. 15), "Quando nascemos, não encontramos apenas uma língua em uso – encontramos um mundo significado. E o aprendemos, o compreendemos segundo os significados que circulam no meio em que nos constituímos os homens que somos". Por isso, a língua é uma ação constitutiva de si mesma e da cultura dos sujeitos que a usam nas interações diárias.

Como se vê, a cultura é interligada à língua, pois esta é parte daquela. Nesse sentido, Câmara Jr. (1972, p. 269) afirma que

Assim, a LÍNGUA, em face do resto da cultura, é o resultado dessa cultura, ou sua sùmula, é o meio para ela operar, é a condição para ela subsistir. E mais ainda: só existe funcionalmente para tanto: englobar a cultura, comunicá-la e transmiti-la. Isto opõe naturalmente a língua ao resto da cultura, ou cultura *stricto sensu*, e cria uma ciência independente para estudá-la – a linguística em face da antropologia, que estuda todas as outras manifestações culturais.

A compreensão desse autor é de que a língua é a parte que mais se destaca na cultura e com ela se conjuga. Logo, a função primordial da língua é expressar cultura, para permitir a comunicação entre os membros de uma sociedade ou de um grupo social.

2 GASTRONOMIA COMO HERANÇA DE CULTURA IMATERIAL

É necessário reconhecer as vantagens que a sociedade global proporciona às diferentes populações, entretanto é igualmente importante proteger a memória e as manifestações culturais em todo o mundo, em nome do patrimônio cultural que elas representam, manifestado na histórica, na cultura e na identidade social de determinados espaços.

Embora sejam recentes os debates sobre patrimônio imaterial, há variadas razões para se proceder ao registro e à salvaguarda das manifestações culturais,

pois elas expressam significativa variedade de formas, significados e representações de histórias, hábitos e crenças singulares.

2.1 Patrimônio cultural imaterial

O patrimônio imaterial representa uma nova dimensão do patrimônio cultural e, como o patrimônio material, sofre perdas ao longo do tempo. Neste caso, elas ocorrem de forma mais acelerada, especialmente por dois motivos: i. interesse tardio pelo tema; e ii. bases estruturadas, majoritariamente, na oralidade, o que pode possibilitar desinteresse por seus registros.

Historicamente, as primeiras menções oficiais especificamente sobre patrimônio cultural imaterial surgiram na década de 1980, posteriores a legislações e medidas concretas para a salvaguarda do patrimônio cultural material. Os documentos mais importantes a respeito dessa questão serão apresentados a seguir, em seus aspectos fundamentais.

Em 1985, o Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS, sigla em inglês) realizou a Conferência Mundial sobre as Políticas Culturais, cujo resultado foi a Declaração do México¹¹. É a partir desse documento que têm início a valorização e a preservação do patrimônio imaterial, ou intangível¹², pois ele define aspectos para além das construções e dos ambientes em que as pessoas vivem. A Declaração considera que a cultura também engloba, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, o sistema de valores, as tradições e as crenças.

Na França, em 1989, a UNESCO elaborou a Recomendação de Paris, que trata da salvaguarda da cultura tradicional e popular. O documento explicita que ela constitui “parte do patrimônio universal da humanidade e que é um poderoso meio de aproximação entre os povos e grupos sociais existentes e de afirmação de sua identidade cultural”; reconhece também a “fragilidade de certas formas de cultura tradicional e popular e (...) de seus aspectos correspondentes à tradição oral”¹³, sujeitos a perdas no decorrer do tempo, nomeadamente pela escassez de documentação destes.

¹¹ Declaração do México. Disponível em <http://www.portal.iphan.gov.br>

¹² Para Garcia (1978, p. 1453), patrimônio intangível é aquele “que não se pode tocar; que escapa ao sentido do tato; impalpável”.

¹³ Recomendação de Paris. Disponível em <http://portal.unesco.org>

Na referida Recomendação, encontra-se textualmente o conceito da UNESCO acerca de cultura tradicional e popular, denominação que depois foi substituída por patrimônio imaterial:

A cultura tradicional e popular é o conjunto de criações que emanam de uma comunidade cultural fundadas na tradição, expressas por um grupo ou por indivíduos e que reconhecidamente respondem às expectativas da comunidade enquanto expressão de sua identidade cultural e social; as normas e os valores se transmitem oralmente, por imitação ou de outras maneiras. Suas formas compreendem, entre outras, a língua, a literatura, a música, a dança, os jogos, a mitologia, os rituais, os costumes, o artesanato, a arquitetura e outras artes¹⁴.

A palavra gastronomia não aparece na definição acima, entretanto entende-se que ela deve ser inserida no que foi chamado de “outras artes”, porque suas características enquanto patrimônio imaterial da cultura correspondem ao que foi especificado no conceito.

Turismo Cultural na América Latina e no Caribe foi o tema de outro congresso da UNESCO, desta feita em Havana, no ano de 1996. O documento resultante dos debates nesse encontro “reconhece as receitas culinárias como um bem cultural tão relevante e valioso quanto a arquitetura, os casarões e casarios, as igrejas, os monumentos etc.”. Nele é destacado, ainda, “que toda política cultural, se bem fundamentada, deve consagrar o gesto de comer não somente como uma tradição, mas, também, como uma ação de criatividade, não se constituindo simplesmente, num ritual biológico de apenas alimentação” (TRIGUEIRO; LEAL, 2006, p. 12).

Em 2003, foi concebida, durante a Convenção para Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial, a nova interpretação a respeito de cultura e patrimônio. Ficou assegurado que o patrimônio imaterial corresponde a “práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas, instrumentos, objetos, artefatos e lugares que lhe são associados e as comunidades, os grupos e os indivíduos que se reconhecem como parte integrante desse patrimônio” (UNESCO, 2003).

Nesse sentido, o Brasil segue as concepções da UNESCO e define patrimônio cultural imaterial como as “manifestações peculiares de regiões, localidades ou pequenas comunidades, transmitidas de geração em geração, constantemente recriado em função do ambiente, da interação com a natureza e

¹⁴ Recomendação de Paris. Disponível em <http://portal.unesco.org>

da história, gerando um sentimento de identidade e continuidade”¹⁵. Além desse documento, o conceito de patrimônio imaterial está assegurado também na Constituição Federal do Brasil (Seção II – DA CULTURA – Art. 216) como “as formas de expressão, os modos de criar, fazer e viver, e as criações artísticas”.

Visto o *corpus* desta pesquisa encontrar-se inserido na cultura imaterial do Ceará, é relevante trazer o fundamento legal adotado pelo Estado como política pública. O Ceará, através da Secretaria de Cultura (SECULT), também assegura em lei a existência e a proteção ao patrimônio imaterial. O governo estadual sancionou, em 30 de dezembro de 2003, a Lei nº 13.427¹⁶, que institui, no âmbito da administração pública local, as formas de registro de bens culturais de natureza imaterial ou intangível que constituem patrimônio cultural do Ceará. Em seu artigo segundo, a lei descreve que o registro dos bens culturais imateriais e dos indivíduos que compõem patrimônio cultural do Ceará será feito em seis livros, a saber:

1. *Livro de Registro dos Saberes*: recebe os conhecimentos e os modos de fazer enraizados no cotidiano das comunidades. Para esse registro, a pesquisa de inventário precisa considerar as condições dos lugares onde acontece a transmissão do saber tradicional, o aparato material associado às práticas da comunidade estudada e a referência cultural que os próprios detentores dos saberes elegem como relevante durante o processo de aprendizagem.
2. *Livro de Registro das Celebrações*: neste são registrados rituais e festas que marcam a vivência coletiva do trabalho, da religiosidade, do entretenimento e de outras práticas da vida social. Aqui, a pesquisa das manifestações culturais ultrapassa os limites de credo e de religião e considera as possibilidades que o sincretismo religioso pode proporcionar em diferentes realidades locais.
3. *Livro de Registro das Formas de Expressão*: fazem-se presentes aqui manifestações literárias, musicais, visuais, cênicas e lúdicas. Da mesma forma que no Livro de Registro das Celebrações, as pesquisas sobre formas de expressão proporcionam a compreensão da riqueza cultural a ser identificada

¹⁵ Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/>

¹⁶ Disponível em <https://belt.al.ce.gov.br/index.php/legislacao-do-ceara/organizacao-tematica/trabalho-administracao-e-servico-publico/item/6289-lei-n-13-427-de-30-12-03-d-o-de-31-12-03>

em um determinado território, observando-se os significados impressos nos simbolismos das manifestações.

4. *Livro de Registro dos Lugares*: aqui se inscrevem mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e se reproduzem práticas culturais coletivas. Os lugares são compreendidos como lugares de interação das comunidades nos diferentes momentos de socialização.

5. *Livro dos Guardiões da Memória*: são registradas pessoas detentoras da memória de sua localidade, região ou Estado. A memória apresentar-se de forma oral ou através da propriedade de acervos que, por sua natureza e especificidade, representem a história e a cultura do povo cearense. Os Guardiões são uma espécie de “arquivo vivo” de algumas cidades e localidades.

6. *Livro dos Mestres*: catalogam-se aqui os Mestres da Cultura Tradicional Popular do Estado do Ceará, nos termos da Lei nº 13.351, de 22 de agosto de 2003. A categoria de Mestres da Cultura Tradicional simboliza uma inovação por parte da Secretaria de Cultura do Estado do Ceará, ao avançar nas políticas de proteção dos detentores de saberes tradicionais.

A partir dessa exposição, pode-se concluir que, no Brasil (em sentido amplo) e no Ceará (em sentido específico), o patrimônio imaterial é definido por lei como um bem de natureza intangível, de caráter dinâmico e associado a práticas e representações culturais.

2.2 Gastronomia como cultura afirmativa

A gastronomia é um tema bastante debatido e divulgado em literatura especializada, seções de jornais e revistas, programas de televisão, etc. e há não muito tempo tem despertado interesse como objeto de pesquisa da antropologia, da sociologia e da linguística enquanto relevante campo da representação cultural.

Em sentido *lato*, Brillat-Savarin (2001, p. 57) afirma que gastronomia “é o conhecimento fundamentado de tudo o que se refere ao homem, na medida em que ele se alimenta” e que “seu objetivo é zelar pela conservação dos homens, por meio da melhor alimentação possível”. Esse autor argumenta, ainda, que ela “é uma preferência apaixonada, racional e habitual pelos objetos que agradam o paladar” (BRILLAT-SAVARIN, 2001, p. 137).

É importante, contudo, enfatizar que, enquanto tema de estudo acadêmico, a gastronomia assume, além dessas, outras concepções tão ou mais importantes, pois já é reconhecida como um relevante aspecto representativo da cultura de um povo e do que a terra oferece no espaço onde se vive, como a formação de identidades:

No processo de construção, afirmação e reconstrução de identidades, determinados elementos culturais (como a comida) podem se transformar em marcadores identitários, apropriados e utilizados pelo grupo como sinais diacríticos, símbolos de uma identidade reivindicada (CANESQUI; DIEZ GARCIA, 2005, p. 50).

A importância simbólica da alimentação e a presença desta nos diferentes momentos da vida humana são destacadas por Câmara Cascudo (2011, p. 17), ao referir-se a um dos contextos dramáticos da mitologia grega:

Homero (*Iliada*, XXIV) narra a cena cruel da humilhação do rei Príamo suplicando a Aquiles o cadáver de Heitor. Impelido pelos deuses, o herói implacável cede e recebe o resgate opimo. Convida o velho rei para cear, lembrando que Níobe, depois de ver morrer sitiados por Apolo e Ártemis doze filhos, pensou em comer, e comeu. E juntos, Príamo e Aquiles, servem-se do carneiro assado e da fatia de pão. Quando recebera o rei troiano, Aquiles estava mastigando uma torta e chorando a morte de Pátroclo.

Vê-se, com isso, que o ato de comer é social, pois se faz presente em circunstâncias variadas da convivência humana: nascimento, aniversário, visita a familiares ou amigos, festas de confraternização profissional, comemoração por uma conquista pessoal, conversas descontraídas em grupo de amigos, velório, etc. Ainda nas palavras de Câmara Cascudo (2011, p. 36):

De todos os atos naturais, o alimentar-se foi o único que o homem cercou de cerimonial e transformou lentamente em expressão de sociabilidade, ritual político, aparato de alta etiqueta. Compreendeu-lhe a significação vitalizadora e fê-la uma função simbólica de fraternidade, um rito de iniciação para a convivência, para a confiança na continuidade dos contatos.

Atualmente, as formas de comercialização de alimentos são objeto de variadas discussões, mas, independentemente disso, para que haja o que comer, é preciso que haja quem produza e forneça o alimento. E o ato de produzir revela muitas diferenças de uma região para outra e formas de preparar e combinar as variedades alimentícias em cada lugar. Essas distinções imprimem

aspectos culturais à gastronomia enquanto conjunto de símbolos, representações e particularidades que se modificam de geração em geração.

Não é objetivo desta pesquisa ater-se às questões evolutivas da gastronomia no decorrer da história humana, entretanto é importante salientar que ela se adapta a fatores históricos, sociais e naturais, conforme o tempo e o espaço em que é observada. Acerca da questão, Flandrin e Montanari (1998, p. 16) argumentam que “os gestos do dia-a-dia transformam-se, junto a tudo aquilo a que estão relacionados: as estruturas do cotidiano deixam-se surpreender pela história”. Para eles, não é “por mera fantasia que a maneira de preparar os alimentos difere de um povo para o outro, mas em função de diferenças tecnológicas, econômicas e sociais entre esses mesmos povos” (FLANDRIN; MONTANARI, 1998 p. 16).

As mudanças comportamentais referidas acima ocorrem com a gastronomia, quanto aos espaços e às técnicas de preparação, por exemplo. No princípio da civilização humana, as refeições ocorriam em família, porém, com o tempo, passaram a contemplar amigos mais próximos: “entre os gregos da Antiguidade, o aumento da classe aristocrática, mais rica, levou a arte de comer a se associar à arte de receber, acarretando um refinamento da cozinha” (SENAC, 1998, p. 22). No caso dos romanos, acontecimentos importantes como casamento, aniversário, nascimento, batizado e morte são considerados “momentos de grandes mudanças na vida do homem, comemorados em cerimônias nas quais o alimento está sempre presente” (SENAC, 1998, p. 26).

Flandrin e Montanari (1998) informam que, na Idade Média, quando já se aprimorava o nível de organização das sociedades e aumentava distinção entre as classes sociais, surgiu a divisão das refeições diárias: desjejum (no Brasil, hoje denominado de café da manhã; em Portugal, pequeno almoço), almoço e jantar.

As argumentações anteriores representam alguns exemplos de como as refeições assumiram, com o tempo, uma função social. É o que se confirma com estas palavras: “A gastronomia é um dos principais vínculos da sociedade; é ela que amplia gradualmente aquele espírito de convivência que reúne a cada dia as diversas condições, funde-as num único todo, anima a conversação e suaviza os ângulos da desigualdade convencional” (BRILLAT-SAVARIN, 2001, p. 143).

Enquanto patrimônio imaterial, a gastronomia se destaca por representar a tradição histórica e cultural de um povo, por isso ela se conecta fortemente com a identidade regional e local, pois os hábitos alimentares, da preparação ao consumo, são reveladores dos comportamentos sociais. Monteiro-Plantin (2011,

p. 254) corrobora com as questões em pauta, ao afirmar que “Dessa forma, a comensalidade pode ser vista como uma atividade dialógica e cultural”. E é esse conjunto de características culturais, sociais e identitárias da gastronomia que faz dela uma fonte rica em culturemas.

3 CULTUREMAS DA GASTRONOMIA CEARENSE

A gastronomia cearense resulta de costumes portugueses, indígenas e africanos devidamente adaptados às condições naturais do litoral e do sertão e submetidos à criatividade de povo do Ceará, que mistura e transforma saberes e sabores de geração em geração.

Da matriz portuguesa, vieram os caldos, as sopas, os cozidos de carnes e peixes, os doces temperados com cravo, canela e erva doce. Dos indígenas, foram herdados o aluá, os derivados da macaxeira (a goma, o pirão, a farinha, a tapioca, o beiju), os frutos do mar, o aproveitamento de ampla variedade de peixes, o forno de barro, a grelha de madeira e técnicas aprimoradas e sofisticadas de cocção como o moqueado. De origem afro, tem-se o angu, a pamonha, as pimentas, o coco, a cocada, o pé-de-moleque e a paçoca.

Desse hibridismo de culturas gastronômicas, surgiram e surgem culturemas (ou palavras culturais) que, submetidos ao processo de metaforização, desdobram-se em expressões idiomáticas, que contribuem para o desenvolvimento da língua portuguesa, compondo parte significativa do dialeto cearense e conseqüentemente da identidade cultural desse povo. É o que se vê adiante.

<u>Culturemas</u>	<u>Expressões idiomáticas</u>
Abacaxi	Resolver abacaxi
Alfenim	Cabelo de alfenim
Alho	Passado na casca do alho Misturar alhos com bugalhos
Aluá	Ficar/Estar aluado
Angu	Angu de caroço Debaixo do angu tem caroço
Bagre	Cabeça de bagre
Baião (de dois)	Dançar baião Programa (de humor) “Baião de Dois”
Banana	Ser banana

Banha	Comer banha
Batata	Batata quente Plantar batatas
Beiju	Virar tudo em beiju de caco
Biquara	Boca de biquara
Bode	Amarrar o bode Estar/Ficar de bode
Bofe	Ser bofe Botar os bofes para fora
Bolacha	Dar bolacha
Bolo	Ser bolo fofo Coxa de moça Dar/Levar bolo Bolo confeitado (mulher que se enfeita exageradamente) Bolo fim de festa (sentido de não obter preço, por ser algo vendido fora de hora) Bolo de milho (quitute barato, vulgar)
Broa	Ser broa
Bruaca	Bruaca velha
Buchada	Ser uma buchada
Cachaça	Cachaça doida
Caldo	Caldo de mocotó Caldo de bila Caldo da caridade Tomar caldo (Não) dá um caldo Engrossar o caldo
Cana	Cu de cana
Canjica	Fogo na canjica
Capitão	Fazer capitão
Carne	Carne seca Carne de moita
Capote	Tirar o capote Dar o capote
Castanha	Quebrar a castanha
Chá	Dar/Levar um chá
Coalhada	Pai da coalhada
Cocada	Comer cocada
Corredor	Bater o corredor
Doce	Dar um doce Cu doce
Farinha	Farinha da terra Farinha do barco

	Farinhada Casa de farinha Farinha do mesmo saco Vender farinha
Farofa	Farofeiro Cheio de farofa
Fava	Mandar à fava Pagar as favas Favas contadas
Feijão	Pegar o feijão de alguém Ser feijão com carne seca
Frango	Cercando frango Engolir frango Frango de botica
Fubá	Boi fubá
Galinha	Galinha de (à) cabidela Galinha cheia Cantar de galinha Deitar-se/Levantar-se com as galinhas
Garapa	Na garapa (sem pagar)
Goma	Dois litros de goma Cagar goma Goma de batata Exame da goma
Gororoba	Gororoba de cimento
Grude	Ser grude
Jerimum	Ser jerimum ponta de rama
Macaxeira	Ver a macaxeira
Manteiga	Manteiga em focinho de cachorro Manteiga derretida
Mão (de vaca)	Ser mão de vaca
Maracujá	Maracujá de gaveta
Mariola	Cão comendo mariola
Maxixe	Maxixada Cara de maxixe
Mel	Descer o mel Sopa no mel Sem mel nem cabaça
Milho	Boneca de milho
Mocotó	Ir nos mocotós
Moqueca	Ficar uma moqueca
Ova	Uma ova!
Ovo	Ovo de capote Bife do oião

	Disco voador Chocar os ovos Ovo virado Pisar em ovos
Pamonha	Ser pamonha
Papa	Comer papa Sem papas na língua
Pato	Pagar o pato Ser pato
Peba	Casco de peba Pegar um peba Pebado
Peixada	Ser peixada
Peixe	Peixe fora d'água Não ter nada com o peixe Vender o peixe
Piaba	Pegando piaba
Pirão	Pirão de cenoura Ir ao pirão
Porco	Ser porco
Pudim	Pudim de cana
Rabada	Ir/Chegar na rabada
Rapadura	Coração de rapadura
Tapioca	Ser tapioca
Tatu	Tatu enfezado Pegar tatu
Traíra	Pescar traíra
Tripa	Tripa seca Pau de virar tripa Tripa gaiteira Tripa vazia Dor nas tripas Fazer das tripas coração
Tutano	Cabra de tutano

Para cumprir seus objetivos, os culturemas expostos aqui não precisam ter suas origens exclusivamente no Ceará nem circular apenas nesse Estado, pois na cultura local atendem às condições para sua existência (Luque Nadal, 2009) e estão registrados em obras relevantes sobre expressões típicas, tais como: *Vocabulário Popular Cearense*, de Raimundo Girão; *Dicionário de Termos Populares*, de Florival Seraine; *Dicionário de Termos e Expressões Populares*, de Tomé Cabral; *Adagiário Brasileiro*, de Leonardo Mota; *Tesouro da Fraseologia*

Brasileira; de Antenor Nascentes; entre outros. Logo, como atendem as condições para sua existência (vitalidade, produtividade, frequência de aparecimento e complexidade cultural) e são transmitidos de geração em geração, tais culturemas são parte integrante da identidade linguística do povo cearense.

CONCLUSÃO

A linguagem é uma atividade humana universal realizada por cada falante, sempre situado na história e marcado pela cultura, por isso se afirma que ela é uma instituição (ou um fato) social. A concepção mais comum decorrente dessa definição é a de que a linguagem está determinada pela necessidade de comunicação, e que a língua, em sentido particular, impõe-se aos indivíduos, os quais isoladamente não podem criá-la nem modificá-la. Coseriu (1990) afirma que essas proposições não podem ser aceitas sem reparos, visto que

Com efeito, a linguagem, mais do que ser *um* fato social entre outros, é o fundamento de todo o social e a manifestação primária da 'socialidade' humana, do 'ser-com-outros', que é uma dimensão essencial do ser do homem. E caráter 'institucional', de objetivação histórica da socialidade do homem, tem não a linguagem como tal, mas sim a língua (COSERIU, 1990, p. 38).

As restrições conceituais apresentadas por Coseriu a respeito das funções sociais da linguagem e da língua são bastante caras a esta pesquisa sobre os culturemas da gastronomia cearense e seus contributos à língua portuguesa, pois eles e seus desdobramentos em expressões idiomáticas são herdados de geração a geração e, muitas vezes, criados ou reinventados e continuados do ponto de vista estrutural e sintático, sem prejuízo à representação simbólica e cultural que fazem de um determinado grupo de pessoas.

O postulado fundamental para a compreensão das relações entre a língua e a cultura é dado por Biderman (1978, p. 80): "Todo sistema linguístico manifesta, tanto no léxico como na sua gramática, uma classificação e uma ordenação de dados da realidade que são típicas dessa língua e da cultura com ela se conjuga". Logo, entende-se que a compreensão do indivíduo sobre a própria realidade é, de certa maneira, influenciada pelo sistema linguístico em que ele está inserido, pois as categorias da sua língua o predispõem a fazer determinadas escolhas de interpretação do que lhe é real. Como se vê, o léxico é

a estrutura linguística que, por excelência, estabelece a relação entre língua e cultura.

Os culturemas e as expressões idiomáticas presentes neste trabalho compõem parte do que se denomina de “cearensidade” enquanto formação identitária, posicional e estratégica que ressalta características diversas atribuídas ao povo do Ceará, como tenacidade, resistência, bravura e perseverança. Com isso, pode-se concluir que também a gastronomia típica é elemento formador da identidade cearense, visto que tem origem nos hábitos e crenças dos símbolos fundadores e permanece em inúmeras práticas sociais cotidianas.

REFERÊNCIAS

- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
- BRASIL. *Constituição Federal de 1988*. Disponível em <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/consti/1988/constituicao-1988-5-outubro-1988-322142-publicacaooriginal-1-pl.html>
- BRILLAT-SAVARIN, Jean. *A fisiologia do gosto*. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- CÂMARA CASCUDO, Luís da. *História da Alimentação no Brasil*. 4 ed. São Paulo: Global, 2011.
- CÂMARA JR., Joaquim Mattoso. Língua e cultura. In: Carlos Eduardo Falcão Uchôa (sel. e introdução). *Dispersos de J. Mattoso Câmara Jr*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1972.
- CANESQUI, Ana Maria; DIEZ GARCIA, Rosa Wanda (Orgs.). *Antropologia e nutrição: um diálogo possível*. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2005.
- COSERIU, Eugênio. Fundamentos e tarefas da sócio e da etnolinguística. In: MELLO, Linalda de Arruda (Org.). *Sociedade, Cultura e Língua – Ensaio de Sócio e Etnolinguística*. CCHLA. FUNAPE. UFPB. João Pessoa, 1990.
- CRIDA ÁLVAREZ, Carlos Alberto. Fraseoparemiologia e interculturalidad. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. Vol. 1.
- FLANDRIN, Jean-Louis; MONTANARI, Massimo (Dir.). *História da Alimentação*. Trad. Luciano Vieira Machado e Guilherme João de Freitas Teixeira. 6 ed. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.
- GERALDI, João Wanderley. Tópico – comentário e orientação argumentativa. In: *Sobre a estruturação do discurso*. Campinas, SP: IEL, 1981.

-
- _____. *Linguagem e identidade: breve nota sobre uma relação constitutiva*. Ciências e Letras, Porto Alegre, n. 49, p. 9-19, jan./jun. 2011.
- HOBBSAWN, Eric. *Nações e Nacionalismo desde 1780*. Programa, Mito e Realidade. São Paulo: Paz e Terra, 1998.
- LUQUE NADAL, Lucia. *Los culturemas: unidades lingüísticas, ideológicas o culturales?* Language Design 11, 2009, p. 93-120.
- _____. *Fundamentos teóricos de los diccionarios lingüístico-culturales*. Relaciones entre fraseología y culturología. Granada Lingvistica, 2010.
- MARÍN HERNANDEZ, David. *La esencialización de la cultura y sus consecuencias en los estudios de traducción*. Trans. Nº 9. 2005, p. 73-84.
- MOLINA MARTINEZ, Lucía. *Análisis descriptivo de la traducción de los culturemas árabe-español*. Tesis doctoral. Universitat Autònoma de Barcelona, 2001.
- _____. *El otoño del pinguino: análisis descriptivo de la traducción de los culturemas*. Castellón de la Plana: Publicaciones de la Universitat Jaume I, 2006.
- MONTEIRO-PLANTIN, Rosemeire Selma. *Gastronomismos lingüísticos: um olhar sobre fraseologia e cultura*. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa; HUELVA UNTERNBÄUMEN, Enrique (Orgs.). *Uma (Re)Visão da teoria e da pesquisa fraseológicas*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2011.
- NEWMARK, Peter. *Manual de traducción*, Madrid, Cátedra, 1995.
- NIDA, Eugene. *Linguistic and Ethnology in Translation Problems*. Word, 1975, p. 194-208.
- NORD, Christiane. *El funcionalismo en la enseñanza de traducción*. Mutatis Mutandis, Colômbia, v. 2, n. 2, 2009, p. 209-243.
- PAMIES BERTRÁN, Antonio. *El lenguaje de la lechuga: apuntes para un diccionario intercultural*. In: LUQUE DURAN, Juan de Dios; PAMIES BERTRAN, Antonio (eds.). *Interculturalidad y lenguaje: El significado como corolario cultural*. Granada: Granada Lingvistica/Metodo, vol. 1, 2007.
- _____. *Productividad fraseológica y competencia metafórica (inter)cultural*. Paremia 17, 2008, p. 41-57.
- PINKER, Steven. *The language instinct*. New York, 1994.
- PRETTI, Dino. *Sociolingüística: os níveis da fala*. São Paulo: Editora Nacional, 1974.
- RIVA, Huéinton Cassiano. *O levantamento de neologismos fraseológicos*. In: ORTIZ ALVAREZ, Maria Luisa (Org.). *Tendências atuais na pesquisa descritiva e aplicada em fraseologia e paremiologia*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012. Vol. 1.
- SENAC. DN. Maria Leonor de Macedo Soares Leal. *A História da Gastronomia*. Rio de Janeiro: Ed. Senac Nacional, 1998.
- TRIGUEIRO, Carlos; LEAL, Wills. *Gastronomia Como Produto Turístico: Sabor Nordeste*. João Pessoa: Ideia, 2006.

UNESCO. Tradução: Ministério das Relações Exteriores, Brasília. *Convenção para a Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial* (Tit. Original: *Convention for the Safeguarding of the Intangible Cultural Heritage*). Paris, 2003.

Nota do editor:

Artigo submetido para avaliação em: **XX/XX/XXXX**.

Aprovado em sistema duplo cego em: **XX/XX/XXXX**.